APRESENTAÇÃO ONLINE - III - PSICOLOGIA E QUESTÕES CONTEMPORÂNEAS

AUTISMO COMO MODO DE SER-NO-MUNDO NA ERA DA TÉCNICA: ORGANIZAÇÃO EXISTENCIAL, DESORGANIZAÇÃO ESTRUTURAL E VIOLÊNCIA IDENTITÁRIA

João Paulo Martins (joao.martins.psi@gmail.com)

O presente trabalho propõe uma leitura fenomenológico-existencial do autismo, deslocando a compreensão deficitária para uma interrogação ontológica dos modos de ser-no-mundo hoje reunidos sob o diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista. Parte-se da hipótese de que rigidez, repetição ou fixação podem ser compreendidas, em nível mais originário, como tentativas de organização da experiência diante de formas intensas de exposição, descontinuidade e desorganização do mundo vivido. O objetivo não é propor uma nova etiologia do autismo nem substituir os debates clínicos e diagnósticos, mas explicitar o horizonte existencial no qual certas experiências autistas podem ser pensadas para além da lógica normativa da adaptação. Para tanto, articula-se uma leitura crítica da constituição histórica do autismo como identidade diagnóstica com a analítica existencial de Martin Heidegger e com a interpretação de Marco Antonio Casanova acerca da transitoriedade, da historicidade dos modos de existência e da violência identitária. A partir desse

referencial, o autismo é pensado não como simples insuficiência funcional, mas como forma fáctica de habitar o mundo em que a experiência pode exigir arranjos específicos de estabilização do espaço, do tempo, do corpo e das relações. Rotinas, repetições, interesses específicos, refúgios espaciais, previsibilidade e seletividade relacional são compreendidos como possíveis modos de composição de mundo, sobretudo em um contexto marcado por aceleração temporal, saturação sensorial, instabilidade das rotinas, multiplicidade de demandas e exigência permanente de flexibilidade. Sem a pretensão de atribuir à pessoa autista um acesso ontológico privilegiado, sustenta-se que certas formas de experiências autistas de relação com objetos, espaços, tempos e ritmos corporais podem explicitar modos de aparecimento do mundo que escapam à redução técnico-funcional dominante. Assim, gestos, repetições e seletividades sensoriais podem ser lidos não apenas como disfunções adaptativas, mas como formas fácticas pelas quais dimensões não imediatamente utilitárias da experiência vêm à presença. Conclui-se que essa mudança de perspectiva permite recolocar o autismo para além de uma lógica exclusivamente corretiva, interrogando o que as experiências autistas revelam sobre os modos contemporâneos de organização da vida e sobre a violência implicada na imposição de uma única medida de existência.

Palavras-chave: autismo; fenomenologia-existencial; ontologia; violência identitária.